CORRESPONDÊNCI A
A. J. F. — Lisboa. — Efectivamente, a
Psicologia Moderna requere alguns conhe-
cimentos de Anatomia e Fisiologia do Cé-
rebro, e também um razoável conhecimento
das hormonas. Sobre estas últimas pode
consultar, com proveito, «Les Ilormones», de Remy Collin, na colecção «Sciences d'au-jourd'hui», ed. Albin Michel, Paris; quanto à anatomia e fisiologia do cérebro a litera-tur a de iniciação, de vulgarização, e sobre-tudo de adaptação à Psicologia não abunda. Lhermite tem um Precis d' Anatomo-phy-siologie normale et pathologique du système nerveux central, ed. Gaston Doin, óptimo, mas muito extenso ; o melhor que conheço para o fim em vista é o que vem no i vol. do Traitê de Psychologie de Dumas. E m Portugal, nada. «Síntese» vai precisamente suprir esta falta j á no seu próximo número.

L. M. D. — Porto. — O número de teo-rias construídas para uma explicação da mecânica dos fenómenos anafiláticos é tão elevado, e essas teorias são, por outro lado, tão variáveis, que nos dão a nítida impressão de laborarmos às cegas num campo bem misterioso. A meu ver, todas essas teorias teem seu quê de inconsistên-cia, e não devem ser admitidas senão pro-visoriamente, sob muita reserva. Temos a teoria de Richet, que atribue a anafilaxia à acumulação dum veneno no organismo; a de von Pirquet e Schick que a atribue a um a combinação brusca entre o antigénio e o anticorpo; a de Besredka (formação duma sensibilísina e combinação desta, ao nível das células nervosas, com o anti-génio); a de Nicolle, que faz intervir fenó-menos de lise; a de Biedl e Kraus, que se afasta de todas as outras por considerar quási nula a acção do sistema nervoso ; a de Kopaczewski, a de Widal, Abrami e Brissaud, a de Bordet, a de Lumière... Como se vê, teorias não faltam. Pod e con-sultar (.iBactereologiei), de Dopter et Sac-quépée, que é um resumo muito claro e suficiente par a uma «vista geral», como o senhor diz.

L. C. C. N. — Faro. — Não é assunto a que se possa aqui responder. O facto de eu lhe ter particularmente anunciado esta

secção, não o autoriza a requerê-la toda para as suas preguntas. Est á desculpado Po r muito boa vontade que tenha, não posso «em meia dúzia de linhas» explicar-
- llio o que é o ciclotrão, sob pena de deixar o meu amigo tão ilucidado como antes. Porém, no próximo número publicaremos um artigo sobre o assunto que é, de resto, da maior actualidade e do máximo inte-resse científico. Mas sempre lhe vou j á dizendo que o ciclotrão é um aparelho des-tinado a imprimir ao electrão um a velo-cidade que êle tomaria se fosse possível submetê-lo à acção dum campo electro-ma-gnético de 16.000 volts.

A. M. — Portalegre. — Não mande mais versos. . . e muito menos versos de amor.. . e muito menos ainda versos de amor como o seu «Sonho». H á coisas que se fazem mas não se dizem.. . por uma questão de estética, de elegância.

S. F. A. — Lisboa. — H á revistas literá-rias em que a sua produção de contos e novelas teem melhor cabimento que na «Síntese». O nosso programa é outro, e tem de ser realisado. Lamento.

J. R. M. — Évora. — Se a sua tese é de facto original e de valor, e se, pof outro lado, estiver no espírito que nos orienta, podemos publicá-la.
— H á de facto dificuldade em obter boa colaboração : aos rapazes de boa vontade falta cultura, aos rapazes cultos faltam qua-lidades de síntese e de exposição ; e falta a quási todos, o sentido da auto-crítica.
— Não, o programa de «Síntese» não está ainda em plena efectivação. As difi-culdades a vencer são múltiplas e só uma grande persistência e uma grande vontade nos vai levando, pouco a pouco ao fim que temos em vista.

H. H. — Silves. — Sem dúvida, os livros
do Abade Moreux são muito interessantes, e nada me impede de lhos aconselhar..

Nada me impede, também, de lhe aconselhar que prefira outros, doutros autores
mais competentes e que menos falseiam o seu papel de divulgadores.